

710463

ALREM 03a0135-48

REY 4i 231

SIST. 59208

1
com qui no.
desquite

ok

30 de Setembro de 1948

JOHN DOS PASSOS

Por falar em John dos Passos, parece que ele anda agora lá pelo Rio, naturalmente em viagem de ver, ouvir, gostar e guardar impressões. Há turismo que não acaba mais nessas praias do Atlântico, entre o azul sem fronteiras e o branco e cinza dos arranha-céus. Muito verde para repouso dos olhos e gente das marcas mais diversas para entreter a curiosidade itinerante em seus momentos de repouso... entre essa gente de variada cor que passeia pelo asfalto carioca o bazar de seu material humano, e as raízes do escritor ianque, há uma iluminação profunda e indestrutível. John dos Passos, afinal, é filho de português.

Esse escritor não é lá muito conhecido nos Estados Unidos. E talvez os americanos se mostrassem muito surpreendidos lendo o ensaio de Jean Paul Sartre sobre John dos Passos no volume de crítica intitulado *Situations*. A última frase é mais ou menos assim: considero John dos Passos o maior escritor da atualidade.

Claro que tudo é relativo e nessa questão de preferências vai muito de gosto pessoal, de atração, de tendências, ^{de} simpatia mágica. Mas seja como for, realmente John dos Passos é um dos grandes inovadores em literatura, e seus romances, *Manhattan Transfer* principalmente, marcam o início de nova era da ficção internacional. Sartre confessa que deve a esse americano filho de portugueses o melhor de sua técnica inicial, até o momento de se superar a si mesmo e de inventar o seu modo pessoal de escrever e de construir um romance.

Na impetuosa atmosfera de um mundo sem nenhuma cultura sedimentada com asas agudas em vez de tradições, com pupilas matinais recém

lavadas em vez de preconceitos restando os impulsos da arte do romance, os americanos podiam fazer o que realmente fizeram as suas inteligências mais capazes. Um jeito novo e cinematográfico de dizer as coisas, criando um texto — mais semelhante á vida e não oferecendo ao leitor essa primeira impressão de — superfície morta que é a ^{enfermidade} ~~enfermidade~~ da literatura acadêmica. Poderíamos dizer que se trata de literatura em montagem, como no bom cinema, onde as imagens evocam as sensações desejadas, e o galope do conjunto no espírito do espectador inesperadas visões da mágica realidade.

Quando se fala em John dos Passos é preciso não confundir obra de — arte e literatura de densidade com a produção em série dessas muitas dezenas de — escritores estadunidenses que o mercado nacional de traduções espalha entre — nós. Porque há uma certa diferença entre esses dois mundos: o dos espíritos que contam o número de palavras de qualquer trabalho literário, que antes de começarem um romance já sabem que vai dar tantas centenas de páginas, que deve agradar a determinado público, que se beneficiará das cadeias imensas dos clubes do livro e entrará para o rol da literatura dirigida pelo reclame e imposta pela conspiração dos interesses em jogo - caminhos do sucesso todos esses, e — pelos quais não pode andar, sem dúvida, ~~sem~~ ^{al momento} ~~duvida~~, a ficção de John dos Passos. Este pertence ao outro mundo, o que apenas obedece às imposições do foro íntimo. Pode dar em nada, pode ser um fracasso irremediável e se estagnar nas primeiras tentativas. Mas é dessa zona obscura de nós mesmos que unicamente pode sair um dia a verdadeira obra de arte, como as novelas de Gide, luminosas, e desinteressadas.

O escritor americano representativo, visita uma terra e uma ^{al momento} ~~gente~~ ^{gente} regada pelo mesmo sangue que o seu. E talvez medite nos seus intervalos de solidão sobre o gratuito jogo do destino que o fez ianque em vez de fazê-lo brasileiro, o que talvez fosse mais fácil para o esforço inicial daquelas criaturas de

fala ao mesmo tempo áspera e melodiosa, atravessando o Atlântico pelo caminho da esperança.

Ele seria hoje o nosso João dos Passos. Sartre não o teria conhecido. Sua ficção teria tomado outros rumos fora da Babilônia de New York. Talvez em lugar dessa prosa imprevista que traz nas imagens o cobre polido do *jazz* e a vertigem vertical dos *buildings*, sua sensibilidade de lírico moderno estivesse se contraindo e se dilatando inutilmente em poemas.